

Pesquisa DataSenado

Mulheres: contexto e participação
política em Goiás

Agosto/2020

Instituto de Pesquisa
DataSenado

Secretaria de
Transparência

SENADO
FEDERAL



Agradecimentos

Agradecemos à Secretaria de Registro e Redação Parlamentar, órgão da Secretaria Geral da Mesa, pela valiosa contribuição ao prover todas as transcrições das entrevistas obtidas durante a pesquisa. O trabalho acurado ao transformar fala em texto possibilitou as análises que realizamos na elaboração deste relatório.

Agradecemos também a parceria da Ouvidoria do Senado Federal e da Coordenação de Telecomunicações, da Secretaria de Patrimônio/DGER. Obrigado pela disposição cuidadosa e atenta para colaborar sempre, trazendo soluções importantes para viabilizar nossos projetos – especialmente em tempos de pandemia.

Por fim, agradecemos aos servidores da Secretaria de Transparência, do DataSenado e do Observatório da Mulher contra a Violência, pelo afinho com que se dedicaram a este projeto.



Mulheres: contexto e participação política em Goiás

Levantamento do DataSenado¹ mostrou que as eleições de 2018 trouxeram avanços em relação à participação das mulheres na política. Comparando com a série histórica, cresceram tanto o percentual de mulheres dentre o total de candidatos (31%) quanto o percentual de mulheres eleitas (15%) – ambos os valores se tornaram marcos históricos para as eleições estaduais e federais. Apesar disso, a representação política feminina permanece aquém de suas potencialidades.

Diversos estudos têm demonstrado a forma com que fatores sistêmicos (como a legislação partidária, a legislação eleitoral e os contextos socioeconômicos de cada região brasileira) podem afetar as chances de sucesso das mulheres nas urnas.

Mas além desses fatores gerais, quais questões de foro íntimo podem estar interferindo na propensão de mulheres a participar mais ativamente da política? Quais são os pesos em cada lado da balança na hora de optar por se candidatar ou não? A experiência de outras mulheres na política conta? A família, a casa e o cuidado com os filhos são ainda fatores relevantes? Como a inserção das mulheres no mercado de trabalho e a busca de sucesso na carreira têm interagido com sua atuação política?

Para responder essas e outras perguntas, o DataSenado em parceria com o gabinete do Senador Luiz do Carmo (MDB-GO), fez pesquisa qualitativa com grupo de mulheres do interior de Goiás. O universo pesquisado situa-se propositadamente em local onde ativamente convivem vetores modernizantes e conservadores – justamente para permitir a observação de como essas forças têm se acomodado e em que direção parecem estar seguindo. Além disso, no ano de 2018, em Goiás, os homens tiveram chances de eleição 6 vezes maiores que as chances das mulheres – conforme também demonstrou o estudo do DataSenado com dados do TSE.

Os depoimentos foram obtidos mediante a técnica de entrevistas em profundidade – adaptada metodologicamente para o ambiente online, à distância, em tempos de pandemia. Das falas das entrevistadas

¹<https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/materias/enquetes/pdf/ApresentaoMulheresnaPolitica.pdf> - acesso em 20/05/2020

para responder aos objetivos da pesquisa, 12 subtemas emergiram. A seguir, detalharemos a metodologia e trataremos de cada um dos subtemas separadamente.

Metodologia

Na amostra para a pesquisa, buscamos mulheres que, por sua ação na comunidade ou por sua atuação profissional, tivessem capital político que lhes fizesse, eventualmente, cogitar concorrer em uma eleição.

A partir de uma lista de contatos em 70 municípios do interior do estado de Goiás, buscaram-se indicações de mulheres que não tivessem sido eleitas ainda para nenhum cargo eletivo e que tivessem perfis de liderança reconhecidos pela comunidade que as cerca, seja qual for a função que desempenham e o nível de envolvimento com a política formal, sem viés partidário.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 29/07 e 03/08/2020, em um total de 11 depoimentos. Trata-se, portanto, de amostra intencional para estudo qualitativo em profundidade. As entrevistas foram gravadas em formato de texto e analisadas verbalmente seguindo a técnica da *codificação*.

Os dados e análises expostos neste relatório são válidos, estritamente e a rigor, para os casos aqui pesquisados – mas certamente o leitor e a leitora poderão traçar paralelos e identificar por si mesmos semelhanças com casos de seu próprio conhecimento, independente de seu estado de origem.

Mais mulheres na política

A presença da mulher na política é mencionada pelas entrevistadas, de forma geral, como algo positivo e necessário. A mulher tem que se envolver e tem conquistado passo a passo seus espaços na sociedade – é a opinião geral. Na política a presença feminina ainda é tímida, algumas reconhecem, mas há consenso da importância de participar e de que a mulher tem muito a contribuir também nesse campo.

“Eu acho que a mulher tem que se envolver, sim, na vida política, tem que se envolver, tem que mostrar o seu potencial.” Mulher, casada, Planaltina-GO

“Acho tímido o nosso envolvimento político. E eu faço parte dessa timidez, porque... (Risos.) Como se diz, às vezes a gente foge desse terreno [...] Agora que a mulher está tendo mais essa visão da vida, de assumir esses cargos que antigamente eram cargos vistos mesmo para homem. Então, nós mulheres estamos tendo, agora, uma visão mais aberta nesse sentido de que política também é para mulher.” Mulher, casada, Formosa-GO

“Acho que as mulheres têm avançado. Ainda é pequeno, mas têm avançado.” Mulher, casada, Minaçu-GO

“Então, eu acho que nós mulheres temos potencial para a política e, quanto mais tivermos mulheres se candidatando e indo às ruas, falando por nós e essas coisas, mais conseguiremos ter o nosso espaço. Senão, vai continuar do mesmo jeito, a gente não vai ter esse espaço.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

Coragem e avante?

Ainda que haja certa noção de que as mulheres têm obtido mais espaço na política – e isso é tópico de que trataremos à parte – quando se referem à experiência eleitoral, nossas entrevistadas revelam a percepção de que ainda faltam muitos fatores para que possam concorrer de forma competitiva.

Um desses fatores, para algumas entrevistadas, trata-se de as mulheres como um todo tomarem coragem e se aventurarem. Ou então de elas, as próprias entrevistadas, acreditarem em si e não “fugirem desse terreno” que é a política. De forma geral, as entrevistadas que manifestam essa opinião acreditam haver apoio da população e dos partidos políticos, mas as mulheres são um pouco inseguras ainda - afirmam.

Subentendida a essas falas, está a crença de que as mulheres são plenamente capazes para a representação democrática da sociedade,

mas não o têm feito por não acreditarem em seu potencial. Em alguns casos tais declarações são espécie de *mea culpa*, porque algumas de nossas entrevistadas receberam convite para se candidatar e não aceitaram.

“A própria mulher não avança. Falaram no meu nome, e eu fico assim: eu? Fico esperando. As pessoas viram pra mim: seu nome é muito bom, você é sincera, de família, e eu mesmo fico assim parada. É falta de querer avançar mesmo. Tá faltando alguma coisa, não sei o que é. Mas tá.” Mulher, casada, Goianésia-GO

“Eu acho que o que falta mesmo é isto: as mulheres irem, acreditarem e colocarem o nome para isso. Eu acho que realmente o que falta é isso. [...] O que falta é acreditar mesmo e investir, porque mulher, às vezes, é uma pouco insegura nesse sentido.[...] acho que as mulheres têm que realmente acreditar no potencial e botar a cara à tapa. Acho que o que falta é isso.” Mulher, casada, Planaltina-GO

“Nessa área política eu acho que o que falta realmente é a mulherada querer mesmo, querer dar o nome, tomar a frente.” Mulher, casada, Planaltina-GO

Cabe menção aqui a uma percepção da qual trataremos mais adiante na seção sobre as Cotas. A crença de que os partidos têm dado oportunidades e espaço às mulheres, combinada com a crença de que as mulheres não acreditam em si mesmas e de que são inseguras, pode ser mais uma faceta das chamadas “candidaturas laranjas”. Nessa modalidade, mulheres são convidadas e inseridas nas listas partidárias sem chances reais de concorrer, para simplesmente preencher as cotas sem ter apoio efetivo do partido. Isso ocorre com tal grau de relevância, que se chega a atribuir a falta de mais mulheres na política ao fato de que as mulheres que têm se candidatado não têm histórico suficiente de atuação social.

“A mulher precisa provar ainda que é competente, que dá conta, para alavancar com as outras. A mulher precisa provar que é boa. O pecado de muitas candidatas é a falta de um trabalho social antes. A pessoa as vezes tem muito dinheiro, mas não tem um trabalho mais visto, uma ação que mostre sua capacidade. Não tenho opinião formada sobre o que poderia ser feito. Acho que a mulher precisa ganhar força, ter trabalho social antes de se colocar candidata.” Mulher, casada, Minaçu-GO – Minaçu

Carreira profissional, política e família

Há também falas que destacam que as mulheres têm perseguido suas trajetórias profissionais em outros campos fora da política – e estão satisfeitas com o sucesso assim. É uma opção feita de forma deliberada e em pleno acordo com o direito de a mulher estar onde quiser.

“Eu penso que o motivo [para não optarem pela política] é porque as mulheres desenvolveram muito o potencial no trabalho, em empresas, em trabalhar mesmo, [...] em valorizar o serviço.” Mulher, casada, Planaltina-GO

“Não [me candidatar], é uma questão particular mesmo, é porque não tenho interesse. Quero buscar mais mercados. [...] Meus planos de carreira, meus objetivos estão em plena ascensão. Não tenho porquê parar agora. Prefeito é prefeito 24 horas, não quero parar minha vida agora para isso. [...] Quero ser mãe, criar meu filho, seguir minha carreira, quem sabe no futuro, mas agora não.” Mulher, casada, Jaraguá-GO

“Então... Não! Penso que não quero me candidatar, não; penso que quero crescer em outra área.” Mulher, casada, Planaltina-GO

“Não por causa da dificuldade a ser enfrentada, mas pela vocação que eu escolhi seguir. Então, pelo pastoreio, pelo chamado, que eu creio que é um chamado de Deus para a minha vida, a questão da política não me ajudaria a exercer o meu papel hoje, a ter uma voz profética em um meio sem pensar em partidarismo.” Mulher, casada, Luziânia-GO

Como vimos, é direito da mulher optar pela atividade que deseja desempenhar. Algumas de nossas entrevistadas têm exercido esse direito com a exclusão da participação política formal como uma alternativa. Tal opção, contudo, nem sempre é livre de controvérsias pois muitas vezes ela vem ainda carregada da definição tradicional dos papéis que homens e mulheres têm de desempenhar na sociedade.

Como veremos, persiste a associação entre a mulher e o cuidado com a casa, a família e os filhos. Essa associação se manifesta muitas vezes como o desejo próprio da mulher de atuar e de se fazer presente na criação dos filhos, de cuidar dos seus entes queridos. Esse desejo acaba se tornando um dos motivos para não se lançar na política (tendo em vista as outras tantas atividades que a mulher desempenha). Ou, então, torna-se um dos motivos ao menos para não cogitar a possibilidade da candidatura no presente momento.

[sobre o peso da família na decisão de não participar da política]
“Olha, eu acredito que pesa, sim, porque a mulher, a gente quer trabalhar, a gente quer fazer tudo isso, mas a gente também quer uma flexibilidade de horários, quer também cuidar da nossa família, também cuidar dos nossos filhos; a gente quer ser mãe, a gente quer tudo. Então, eu acredito que pesa, sim, porque é uma dedicação total e, uma vez que você se dispõe... Pelo menos eu penso assim, quando eu me disponho a fazer algo, eu tenho que me dedicar, e, às vezes, eu fico pensando: será que eu vou conseguir me dedicar nesse momento da minha família, com uma criança? Normalmente, para as mulheres que já têm filhos maiores, talvez não pese tanto, mas para as mulheres que têm filhos pequenos eu acredito que pese muito, sim, ainda.” Mulher, casada, Planaltina-GO

“A dificuldade que eu vejo é essa carga que a mulher tem pelo fato de ser mãe, de muitas vezes não ter esse tempo igual o homem” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

“não vejo hoje como um objetivo para minha vida. Tenho filho pequeno, muita responsabilidade ainda.” Mulher, casada, Jaraguá-GO

“Marido hoje em dia não. Fico preocupada com o peso pós gestão, preço que se paga em relação ao histórico de vida, aos objetivos de vida. Os filhos, a família pesa, querer ser mãe, querer cuidar e estar próxima aos filhos.” Mulher, casada, Jaraguá-GO

Tudo legítimo como opção da própria mulher. O contexto perde legitimidade, contudo, quando mulheres que gostariam de optar pela política passam a ser penalizadas por seus parceiros, por suas famílias ou por serem abarrotadas de atividades que poderiam ser de outra forma compartilhadas.

Pelo que pudemos aferir nos discursos das entrevistadas, as mulheres têm assumido novas funções fora de casa sem que haja um rearranjo nos papéis da criação dos filhos e do cuidado com a casa manifestadamente da parte de seus cônjuges e companheiros. E isso se reflete na sua indisponibilidade para a atividade política ou no conflito dentro de casa, culminando inclusive em divórcio.

“Eu tive um pouco dessa limitação na criação. Então, a minha cabeça evoluiu, mas eu ainda tenho aquela base em que mulher tem que ser esposa, tem que casar e tem que dar mais prioridade para a família do que para emprego e tudo isso. E dou realmente: eu penso que a mulher, a família é a base.” Mulher, casada, Planaltina-GO

“As profissões também podem ser assumidas pela mulher. Claro que eu sempre digo que a mulher, quando se propõe a assumir uma profissão, isso não a exime da responsabilidade de esposa, mãe, dona de casa, enfim, das responsabilidades que são dela. Quando ela se propõe à vida secular, tem que aprender a conciliar.” Mulher, casada, Formosa-GO

“[Há menos mulheres na política] porque a mulher não deixa de ser mãe, de ter sua profissão, de atuar na sua igreja. Salva o mundo todo, mas vai para a cama sozinha.[...] Se ela entender que o papel dela é disputar com o homem, se ela não tiver uma parceria muito firmada em casa, ela corre grande risco de ficar sozinha. É o relacionamento em casa, na família, no trabalho, na igreja. Ah ela vai ali para a política. A boletota ainda é cara, muito cara. Eu sei que precisa de mulheres com essa coragem. Além do preconceito.” Mulher, divorciada, Luziânia-GO

“São mulheres empoderadas, são decididas, a maioria trabalhadoras e que sustentam a casa. Temos o caso de uma mulher que tem um filho deficiente. O marido a deixou e tudo, e ela quer ser Vereadora para mudar, para ver a questão até de ajudar as mulheres que têm problemas iguais ao dela, ser solteira com filho deficiente, ter que trabalhar e cuidar do filho, tem todo um contexto.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

“Ela tem que cuidar do auxílio às escolas dos filhos, das roupas, da saúde de todos... Ela não só trabalha fora. Mesmo que tenha quem

a auxilie, ela está sempre supervisionando, está sempre por trás de todas as atividades.” Mulher, casada, Luziânia-GO

De todas as falas, apenas duas trouxeram o cuidado com a família e com a casa acompanhado da ideia de compartilhamento de responsabilidades com os homens, em especial entre as gerações mais novas.

“A dificuldade que eu vejo é essa carga que a mulher tem pelo fato de ser mãe, de muitas vezes não ter esse tempo igual o homem tem. Hoje em dia, há homens que são melhores até que muitas mães, que cuidam mais dos filhos, há homens que dividem também essa carga, mas eu vejo essa dificuldade de lidar com esse tempo e a vida pessoal.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

“Hoje o homem também está mais aberto para conceber a ideia de que se os dois estão fora de casa trabalhando, conquistando, para o bem da família, então na hora em que está todo mundo em casa, vamos também dividir um pouco o peso, as tarefas, a carga da casa. A gente sabe que hoje o homem também está mais flexível nesse pensamento.” Mulher, casada, Formosa-GO

Elas na política, e eles

Os casos de mulheres que já se enveredaram na política são lembrados como exemplos que podem abrir espaços para mais mulheres participarem. Servem para mostrar que política também é lugar de mulher, e ao mesmo tempo geram visibilidade, exemplos a seguir e a impressão de um movimento crescente.

“Nós temos muitas representantes já, já tivemos uma Presidente, então acho que já evoluímos bastante, mas cabe a nós mesmas acreditarmos, buscar esse espaço e tentar gerenciar essa questão dessa carga que a gente tem, que as mulheres têm e também essa outra questão do machismo, por que nós – até nós mesmas, as mulheres – achamos que não temos como conseguir o mesmo espaço que o homem tem.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

“Não, antigamente, era menos. Hoje, parece que as mulheres, como disse anteriormente, estão abrindo um leque maior de conhecimento mesmo. Então, hoje nós temos aqui três Vereadoras. São onze Vereadores ao todo, sendo três mulheres. E elas desempenham um papel legal aqui no Município na questão de entender a necessidade da mulher no meio social, de opções, de instrução.” Mulher, casada, Rubiataba-GO

“Eu acredito que [as mulheres que já tentaram carreira na política] foram bem-sucedidas. Fizeram um trabalho de uma visibilidade atraente, sempre defendendo essa bandeira feminina; nas redes sociais, a gente percebe que existe essa bandeira. Então, eu vejo que caminha para um sucesso, caminha para um crescimento, porque tudo é exemplo. Se eu estou vendo uma mulher que conseguiu estar hoje em uma Prefeitura, em uma Câmara, isso é incentivo,

*isso é uma ideia, isso é uma oportunidade que eu posso seguir.”
Mulher, casada, Luziânia-GO*

Algumas falas também destacam casos em que as mulheres parecem ter falhado. Apesar de repetidas vezes as mulheres mencionadas na política serem vistas como aguerridas e batalhadoras, há a sensação de “decepção”, de serem “voto vencido”.

“Nossa vice-prefeita hoje é um dos fatores determinantes para definir a última eleição, mas não tem espaço nenhum. O cargo já é um cargo complexo. Mas o caso dela aqui foi bastante desastroso, ela ficou bastante apagada. [...] A vice-prefeita de Americana, de caráter excepcional, hoje não representa nem 10% das pesquisas. Fez o dever de casa certinho, mas em 4 anos, politicamente foi desastrosa. [...] não entendemos o motivo de ter havido essa guinada no município. Ou seja, uma foi vetada, e outra que passou 4 anos à frente hoje não vai poder nem tentar reeleição frente ao resultado das pesquisas. Não há um sistema ainda que acolha a mulher na política.” Mulher, casada, Jaraguá-GO - Jaraguá

“Na gestão passada havia 2 mulheres. Uma nem quis se reeleger. Se sentiu como voto vencido. A outra permaneceu agora até 2020. Essa teve uma certa decepção. Se elegem como vereadoras e acham que vão mudar o cenário. Mas diante da situação das câmaras, elas debatem os projetos, gritam, esperneiam, batem de frente, sou fã delas, mas são voto vencido. Daí cansam, embora gritem esperneiem, são vencidas. As pessoas pedem: vereadora, faça isso por nós, mas lá elas não conseguem atuar tanto.” Mulher, casada, Jaraguá-GO - Jaraguá

“Hoje nós temos algumas mulheres aqui na Câmara Municipal da cidade, e o que a gente tem visto, muitas vezes, é que elas estão apagadas mesmo pela questão da direção masculina ali.” Mulher, casada, Luziânia-GO

Há no discurso de algumas entrevistadas a contraposição entre masculino e feminino, a rejeição à competição entre homem e mulher e também ao feminismo. Quando os gêneros entram em disputa, a mulher sai perdendo, pois o ambiente é machista, ou coronelista, conforme algumas mencionam. Nessa linha de raciocínio, alternativas mais viáveis que o confronto são atuar em conjunto, buscar o bem comum, mostrar trabalho e diferença, conquistar respeito e adentrar aos poucos na política.

*“Eu acho que as mulheres têm que participar mais da política, não por feminismo, porque eu não sou feminista. Eu acho que não é nem machismo, nem feminismo; eu acho que é união. Nós somos duas engrenagens perfeitas juntas. Então, o conhecimento do homem é um nicho, vamos supor, neste mercado, e o conhecimento da mulher é outro nicho de mercado. Os dois juntos se complementam. Então, a prática do homem e a sua objetividade são sensacionais, e, se você une com as outras capacidades da mulher, eu acho que vai longe.”
Mulher, casada, Luziânia-GO*

“Então, é sobre essas barreiras mesmo de pensamento. O homem, no interior, é mais empoderado, principalmente na política. Nós estamos vendo uma cultura de quartel. Eram aquelas pessoas que acreditavam que havia um eleitorado que eles comandavam. Geralmente era alguém com poder econômico alto, era alguém tradicional da cidade que bancava a política.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“A gente ainda tem um ambiente machista. Isso é um fato. É um fato. A gente tem esse ambiente, mas eu penso que a gente não o vencerá com disputa. A gente vencerá isso com trabalho mesmo, mostrando com trabalho, mostrando, com a nossa vivência, a diferença.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“[Dificuldade] de a voz ser ouvida mesmo, de, às vezes, o colegiado todo achar como sexo frágil, que em algumas posições não vai conseguir ter voz, não vai conseguir ir à frente... Mas aí entra na questão mesmo que a gente conversou um pouquinho antes, que o problema está em disputar quem é melhor, o homem ou a mulher, e esse não é o papel, não é? A gente está na mesma causa. Então, não dá para poder disputar quem é melhor ali.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Não importa se é homem ou se é mulher, acho que a gente consegue – como se fala, não é ser chefe – liderar. A gente consegue liderar – questão de respeito –, e não importa se você usa saia, se usa calça. [...] Eu acho que não importa a questão de sexo, gênero – não é nada, não. Acho que, se a pessoa quer, luta e acredita naquilo, não importa, não.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

“Então, não é que a mulher esteja tomando o lugar do homem, mas devagarzinho ela está se engajando na sociedade. Antigamente a mulher não tinha esses direitos, só o homem. Hoje, a mulher, devagarzinho, vai entrando nesse meio com igualdade. E também na política. A mulher, devagarzinho, vai entrando no meio político.” Mulher, casada, Rubiataba-GO

Então as mulheres que tentam carreira na política parecem debater-se entre o conflito de gêneros por um lado, para ganhar espaço (com lutas, com gritos, mas com a possibilidade de serem rotuladas e excluídas como “feministas”), e o risco do ostracismo, por outro lado, por não conseguirem ser ouvidas e terminarem vencidas pelo cansaço. Algumas vão buscando um meio termo para tentar conquistar seus espaços com menos conflitos. Outras aguardam, na expectativa de que alguém se disponha a cedê-los espontaneamente – o que pode vir a não acontecer se ela não “for à luta” e “correr atrás”.

“E a questão que eu vejo também, é que, na parte política, a gente é vista como cheias de mi-mi-mi. [...] Se você for parar para pensar, eu vejo, pelo fato das representantes que a gente tem no Município serem mulheres que vão lá, que lutam, que falam e tudo, que, muitas vezes, têm até que gritar para serem ouvidas, [...] mas impõem, falam, correm atrás, não têm medo e tudo. Eu não considero mulheres com mi-mi-mi. Muitas vezes a gente grita – “Mulher grita, mulher não sei o quê...” –, mas é para a gente ser escutada, para poder a gente impor o que a gente pensa.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

“Falaram para eu ficar quieta, não ligar para ninguém. Falaram: se seu nome for realmente bom, eles vêm atrás. Você não pediu para botar seu nome lá. Então deixa, se for para ser, eles vêm. [...] Ela [a mulher] mesma não acredita nela, que as pessoas acreditem nela. Ela tem essa falta de... as pessoas... o machismo ainda impera. Ela avançou muito, e os homens têm colaborado muito para isso também. Mas as mulheres também têm medo de avançar. Acho que meio natural da mulher, ser mais submissa, acho que ainda não saiu dela ser mais reservada, esperar. Parece um pouco o medo, mas não é... espera muito a vez, espera ser solicitada, ser chamada.” Mulher, casada, Goianésia-GO

“Hoje as mulheres até desejam ocupar esse espaço, mas não há continuidade. Ela eh sufocada pelo processo e pelo sistema.” Mulher, divorciada, Luziânia-GO

Mais abertura para mulheres?

Em geral, há certa noção de que a situação da mulher na política está avançando, de que hoje há mais espaços para as mulheres e de que elas têm recebido mais apoio. Existe uma visão de progresso, de que há avanço tanto no sentido da participação, quanto da conquista efetiva de cargos e da própria conscientização da mulher.

“Cada ano que vai passando, vai-se abrindo mais espaço, não é? Vai havendo uma orientação melhor, vai havendo preparatórios melhores[...] Eu acho que vai melhorando a cada ano, sim.” Mulher, casada, Planaltina-GO

“Eu vou te dizer que de dois mandatos para cá que houve mulher. Antes nunca houve. É a primeira vez que temos uma prefeita.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Ah, pelas mulheres que já estão hoje... Elas abriram já o caminho, não é?” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Então, hoje eu acho que tem muito mais [espaço] do que há dez anos. Eu acho que ainda existem algumas barreiras, mas melhorou muito” Mulher, casada, Luziânia-GO

“nós mulheres estamos tendo, agora, uma visão mais aberta nesse sentido de que política também é para mulher.” Mulher, casada, Formosa-GO

“Hoje está bem melhor. [...] Eu acho que, com o advento da mídia social [...] acho que isso aí vai abrir muito campo para as mulheres. Vai facilitar.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Mas eu percebo, como disse, que nos partidos está crescendo o número de mulheres, como agora, em que há um número maior de mulheres pré-candidatas, bem maior – eu acredito que sim.” “Mulher, casada, Rubiataba-GO”

“Eu acho assim: antigamente, na eleição passada, era mais difícil. Eu acho que agora a gente já deu uma evoluída. É muito... Antes não havia muito.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

Acompanhando a noção de que a participação e a representação da mulher estão aumentando, foram frequentes também as manifestações de que há apoio de partidos, de familiares e da sociedade ao engajamento feminino maior na política, inclusive delas próprias.

“[sobre ter apoio da família] Totalmente. [...] Então, sim; a gente tem uma família muito grande, muito envolvida na cidade. Tenho irmãs que também são empreendedoras. Enfim, teria apoio, sim. Acredito que eu teria até chance. (Risos.)” Mulher, casada, Planaltina-GO

“Muito. Apoiaria [...] esse apoio seria de trabalhar, de me ajudar politicamente, como eles fazem em tudo o que eu proponho fazer. Eu pertenco a uma família muito unida, muito querida, posso dizer assim, e eles me apoiam em tudo, em tudo o que eu me proponho a fazer eu tenho esse apoio incondicional da minha família.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“E eu vejo que as mulheres, como elas estão empoderando, elas estão conseguindo participar desse cenário político, eu vejo que elas são apoiadas, senão não estariam lá. Então, eu acho que são apoiadas, apesar de todo um comportamento ainda masculino” Mulher, casada, Luziânia-GO

“[sobre ter apoio para se candidatar] então, não é falta de incentivo. Eu tenho incentivo para isso. Eu tenho incentivo para isso! Me sinto honrada e pouco merecedora, de tanto incentivo que tenho tido. (Risos.) [...] eu creio que teria apoio da família. Tenho que investigar uns ainda, porque eu nunca conversei com todos. [...] Eu creio que uma parte [da sociedade] já entendeu que a mulher pode ser competente, tanto quanto o homem, politicamente. [...] Então, creio que também está havendo mais abertura hoje por parte dos homens para que as mulheres conquistem esse espaço também. ” Mulher, casada, Formosa-GO

“[sobre apoio da família para se candidatar] Sim. Pegaria mesmo junto, faria campanha junto” Mulher, casada, Luziânia-GO

“na questão de crescimento, eu tenho esse apoio; questão profissional, eu tenho esse apoio dos meus pais. Depois, pelo fato de eu ter ficado viúva, eu vim morar com os meus pais. Então, eu vejo que eu tenho esse apoio. Eles me ajudam. [...] eu vejo que eu tenho esse apoio da minha família, até da minha filha. A minha filha fica orgulhosa quando me vê falando.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

“[sobre apoio da família para se candidatar] Sim. Como eu sou bem comunicativa, [...] eu procurei meus pais, e eles me apoiaram, procurei meus tios. E algumas pessoas falavam: “vai, porque vai dar certo”. Mulher, casada, Rubiataba-GO

A legislação que estabelece um percentual mínimo de 30% por sexo para a lista de candidatos dos partidos políticos em eleições proporcionais é vista com controvérsia pelas entrevistadas. Por um lado, elas aparecem como oportunidades “teóricas”, irrealis, porque os partidos se ocupam apenas de preencher o requisito legal sem investir realmente em candidaturas femininas para torná-las competitivas.

“Então, eu acredito, assim, que as oportunidades são teóricas. Existe oportunidade na Câmara. São teóricas.[...] essa lei que dá essa oportunidade de a mulher estar na política – que determina até percentual – eu a considero teórica. A gente assiste nos bastidores, a gente vê que o poder de persuasão do Partido, que a imposição de nomes, de apoios é muito mais masculina do que feminina, e no interior há muito disso, porque no interior existe uma cultura muito mais machista do que em uma capital. Existe esse comportamento muito mais machista do que numa capital.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Eu vejo como benéfica a atuação, realmente, de uma pessoa que queira aquilo não para preencher o espaço, mas para ir à luta mesmo e conquistar o objetivo maior. [...] Toda pessoa que se candidata a alguma coisa tem que, no mínimo, acreditar nela: “Não, eu sou capaz e vou chegar lá”, e não só para preencher aquela lacuna ali de – como se fala? – cotas.” Mulher, casada, Formosa-GO

“Talvez. Acho que se tivessem um pensamento, “nós vamos convidar mais mulheres”... Agora têm, porque têm que ter um número mínimo de candidatas, mas, às vezes, eles procuram pessoas só para encher aquele número. Então, se houvesse uma busca mais com intenção de eleição mesmo, haveria mais [mulheres], porque buscariam pessoas que têm mais qualificação, mais possibilidades.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Eu acho que esse acesso, até essa questão das redes sociais, desses grupos, das pessoas votando e tudo, eu acho que isso daí está fazendo as mulheres terem outra visão, pois até para a gente, como partido, conseguir arrumar antigamente sete mulheres para serem candidatas de um partido era difícil, e as mulheres que vinham eram aquelas para garantir só para que os nomes ficassem.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

Por outro lado, há o reconhecimento de que as cotas têm aberto espaços para as mulheres – espaços que anteriormente, sem a legislação, os partidos talvez não cogitariam em abrir. Nesse sentido, as cotas têm obrigado os partidos a buscar a participação e o envolvimento político da mulher.

“Acho que [partidos] apoiam, tem partidos brigando para ter mulheres candidatas, pra fechar o número, né?” Mulher, casada, Minaçu-GO

“A gente percebe que há um bom diálogo, até porque existe aquela questão da porcentagem da atuação da mulher. Então, creio que também está havendo mais abertura hoje por parte dos homens para que as mulheres conquistem esse espaço também.” Mulher, casada, Formosa-GO

“Esse número [da cota de 30% por sexo], que é obrigatório pelos partidos, faz com que o partido tenha que abrir vaga para mulheres. Então, foi excelente isso daí, porque, às vezes, ele nem cogitava a mulher. Então, agora ele vai ter que procurar alguém, alguma mulher para entrar.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“[o percentual mínimo por sexo] É bom porque está havendo oportunidade de inserir, de optar. Se entra, é porque tem interesse.” Mulher, casada, Rubiataba-GO

Machismo e conservadorismo

Duas das barreiras identificadas pelas entrevistadas e que continuam a atrapalhar a presença maior das mulheres na política são o machismo e o conservadorismo político.

Pelo machismo, as mulheres são rotuladas com atributos de inferioridade e de incapacidade para governar, reforçando papéis de gênero. Elas são adjetivadas como frágeis, inconstantes, dependentes da figura masculina para prosperar, ou ridicularizadas.

Há falta de fé na mulher, que ela não tenha força, que não tenha palavra. Isso que mais incomoda, a mulher é frágil e ela não parece que vai dar conta. [...] As mulheres ainda são vistas com desconfiança, como alguém que muda muito de opinião.” Mulher, casada, Minaçu-GO

“Por vezes, eu me vi em situação que eu pensei: “Se eu fosse homem, não estaria passando por essa situação”. Então, é um mundo muito masculino. E você pensa que, se existe isso numa capital, onde a cabeça é mais aberta, onde a gente sente mais igualdade; no interior, a questão social e econômica tem muito mais impedimentos para a mulher do que para o homem.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Depende de quem está junto com elas na campanha. (Risos.) Se forem homens fortes, ela consegue. Agora, se não forem, não consegue. Esse é o ambiente da nossa cidade.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Tivemos uma presidenta, hoje é motivo de chacota. Ela se tornou um símbolo de piada para o brasileiro. Fico com pena de ver como ela é tratada, e acho que é porque é mulher.” Mulher, casada, Minaçu-GO

Pelo conservadorismo, forças da política tradicional tentam impedir que prosperem ideias, propostas e pessoas novas. As mulheres pagam por estarem historicamente fora da política. Além disso, atua o paternalismo unido ao clientelismo – modelo político pelo qual os eleitores buscam obter, de candidatos ou eleitos, vantagens pessoais.

“Nós estamos vendo uma cultura de quartel. Eram aquelas pessoas que acreditavam que havia um eleitorado que eles comandavam. Geralmente era alguém com poder econômico alto, era

alguém tradicional da cidade que bancava a política.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Eu acho que ainda existem algumas barreiras, mas melhorou muito e eu acho que hoje, infelizmente, as pessoas não sabem votar. Infelizmente elas pensam muito no seu umbigo: o que é que eu vou levar de vantagem no meu voto.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Ela é impedida de resolver coisas, as ideias não são acatadas... Sabe? Porque muita gente segura o progresso de Luziânia não só porque ele não quer fazer, e, se uma outra pessoa faz, ele não quer que essa pessoa apareça, porque essa pessoa pode crescer e tomar o cargo dele ou da família dele, ou do sobrinho ou do filho dele. Então, segura as coisas.” Mulher, casada, Luziânia-GO

Como veremos na próxima seção, o machismo atua ainda de outra forma: moldando as possibilidades de atuação das mulheres, limitando as atividades que elas podem desempenhar – e isto nem sempre é percebido por elas.

Candidatar-se ou não, eis a questão!

De todas as entrevistadas, são poucas as que declaradamente querem se candidatar nas próximas eleições. Algumas projetam essa possibilidade para o futuro, condicionadas a mudanças no contexto externo ou a ajustes internos, como capacitação pessoal, término da criação dos filhos, ou preparação da família para a situação de candidatura.

“O meu esposo foi Vereador, e eu vivenciei isso dentro da minha casa. No processo eleitoral, eu caminhei, na medida do possível, porque eu trabalhava. E, na minha família, não havia ninguém com vínculo político. Aos poucos, a gente vai vivenciando isso dentro de casa – ele foi Vereador por quatro anos – e vê o que é. Assim, eu passei a ter aptidão também para a política, a conhecer a necessidade do outro, entender um pouquinho o que é a política. Inclusive, hoje, eu sou pré-candidata a Vereadora aqui no Município de Rubiataba.” Mulher, casada, Rubiataba-GO

“Já pensei em me candidatar, há uns 5 anos atrás. Agora acho que já passei do momento, não tenho mais tanto vigor, tanta força. [...] 1ª coisa: minha família não iria aceitar. Toda vida eu trabalho fora, por mais que a gente tenta juntar, acaba ficando um pouco pra lá. Toda a vida eles sonham com minha aposentadoria, para poder estar todos juntos, os netos virem para cá. E também porque nunca paramos para dizer: é pra ir, vamos!” Mulher, casada, Goianésia-GO

A maioria das entrevistadas, contudo, não demonstra interesse por se tornar representante política. Como motivo para a negativa, são citados falta de recursos, falta de apoio, medo de enfrentar processos de responsabilidade, ou medo de se frustrar e de não conseguir fazer um bom trabalho. Também aparece como um fator importante a

generalização da atividade política como um campo de corrupção, carregado de uma imagem negativa perante a sociedade, com forte sentimento de decepção – e muitas mulheres não querem se envolver para não manchar sua reputação, seu histórico de atuação positivo e apolítico na sociedade.

“Eu me seguro. Senão, eu entrava. (Risos.) Pois é: já. Já pensei. Por exemplo, candidatando-me. Mas a gente fica um pouco insegura, porque acho que é bem intenso mesmo. [...] É insegurança de não ganhar mesmo, de se frustrar, insegurança de, talvez, nem conseguir fazer um bom trabalho... Então há esses aspectos. A exposição – existe uma exposição... No interior, há as questões de se ter amigos próximos sendo candidatos... Há uma série de coisas nesse sentido.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“A pergunta: “Ah, por que você não...?” É porque eu nunca tive pretensão. Muita gente até cogitou a hipótese de eu ser, todo mundo pensava que eu ia ser, pelo fato de eu ter pegado a pasta da assistência, de o Prefeito ter me passado essa pasta... Aí falaram que eu podia ser candidata, mas eu não me vejo sendo Vereadora, correndo atrás de voto para mim. Eu acho que é mais para as outras pessoas.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

“Não me vejo ainda candidata na política. As mulheres ainda são vistas com desconfiança, como alguém que muda muito de opinião. Por isso não me vejo como candidata, por causa dessa falta de apoio, por falta da fé das pessoas na mulher.” Mulher, casada, Minaçu-GO

“Na real, precisamos dispor do que não temos para fazer a campanha. Professor é muito mal remunerado. Tirar da minha família, do meu sustento, para botar em algo incerto, não me convence. Não posso chegar lá pensando em já ter que tirar o que gastei.” Mulher, casada, Minaçu-GO

“Quando você entra no mecanismo e vê como as coisas acontecem de fato, de vereador e prefeito, em cidades pequenas, a política, os meios, e as formas para entrar, não condizem com o pensamento da mulher. O maior percentual de mulheres depende dessa questão dos meios necessários para entrar. Ela não tem coragem de pagar certos preços. [...] Todo gestor tem vários processos de responsabilidade. A mulher tem terror de que ela possa sair de uma gestão com esse peso nas costas.” Mulher, casada, Jaraquá-GO

“[sobre o motivo para não se candidatar] Decepção política mesmo. Pensamento que vai bem longe dos meus valores, do que eu penso sobre o assunto, romper essa barreira de pensamentos arcaicos, de vantagens, de conchavos políticos. É decepção política mesmo.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Ela não só trabalha fora. Mesmo que tenha quem a auxilie, ela está sempre supervisionando, está sempre por trás de todas as atividades. [...] Então, a mulher se ocupa com coisas de grandes valores. E, como a nossa política tem um aspecto muito negativo... Não é? A gente olha a nossa política, de forma geral, sem negócio de partido nenhum, mas, de forma geral mesmo, a política é malvista por nós, brasileiros. Então, ela não vai. Ela não vai por isso”. Mulher, casada, Luziânia-GO

“[sobre o motivo para não se candidatar] Umas visualizam o lado do nome político como ladrão, político, corrupto. Elas não conseguem visualizar um político que não leve essa imagem, e jogar a reputação delas na lata de lixo. É como se fosse uma mancha na vida delas. [...] Quando buscamos os nomes, buscamos pessoas honestas, trabalhadoras, pelo bem que elas fazem. Daí pensam que tudo vai por água abaixo, para receber um rótulo negativo.” Mulher, casada, Jaraguá-GO

“[sobre o motivo para não se candidatar] Primeiro, eu sempre participei do trabalho em dia de votação e eu vi muita coisa. A gente vê muita coisa errada. Então, você vê que quem ganha eleição é quem tem dinheiro.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Anteriormente já pensei. Hoje acho que estou no papel mais educacional. Acho que me desgastaria muito. Isso é controverso. É muito sofrido, está tão desacreditado. Essa boleta é cara.” Mulher, divorciada, Luziânia-GO

Como vemos, portanto, a imagem negativa em torno da atividade política tem afastado das candidaturas mulheres como as que entrevistamos. Além desse fator, a família também tem interferido na disponibilidade delas se candidatarem - sobretudo o marido e os filhos pequenos. A família e os filhos pequenos em especial são impedimentos por causa dos cuidados cuja responsabilidade ainda repousa majoritariamente sobre as mulheres. Já os maridos, ou porque o sucesso e o crescimento das mulheres podem não ser bem recebidos, ou por não aceitarem a ausência de suas esposas para resolver problemas políticos. Em ambas as situações, a atividade política da mulher pode se tornar origem de conflitos familiares – e o machismo é a ideologia subjacente a esses conflitos.

“Uma [barreira] é fator marido. A querida é ela, mas ele vem tentando, e o nome que sobressai é o nome dela. É o sonho dele, mas que aparece com estrutura e voto é ela. Ela seria um nome ímpar. Mas ela não quer, o sonho é dele. Ela não quer esse atrito dentro de casa.” Mulher, casada, Jaraguá-GO

[...] Em outros casos é questão familiar, submissão ao esposo. Da família elas querem evitar especialmente o conflito – noventa por cento dos casos. Com falta de apoio não se importam – nesses casos ela peita porque a situação familiar já está desgastada. Quem não tem apoio, vai independentemente.[...] Um exemplo que cito sou eu: meu marido é candidato e é ele, não seria eu de jeito nenhum. No meu caso seria isso: insegurança pelo meu destaque, e ele não querer ficar para trás.” Mulher, casada, Jaraguá-GO

“E há também o fato de que há uma dificuldade por ser mulher no meio político: é ter um companheiro que aceite isso. É uma pessoa aceitar: que, quando a gente está em casa, pode uma pessoa pedir ajuda para você e você vai correr atrás; ou a questão de, pelo fato da pasta, você ter um problema e precisar sair, não tendo horário para chegar; ou haver uma reunião fora do horário do expediente. Então, isso dificulta muito. Se houvesse essa compreensão, a gente conseguiria conduzir melhor.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

“E quando o cônjuge não tem essa visão da mulher crescer, se ele não for do meio, ele tem um pouco de receio pelo fato também de haver mais homens do que mulheres. Então, pode haver essa dificuldade de entendimento em todo relacionamento. Muitas vezes é muito complicado. E no meio político em que a gente trabalha não tem hora, não tem momento; você está o tempo todo, tem que visitar, tem que resolver; nas redes sociais você leva lapada o tempo todo, muitas vezes você nem fez, mas as pessoas estão tão intolerantes e já começam a xingar sem saber se você tem família, marido, filhos. Então, isso cria uma dificuldade, o fato de você ter um companheiro que não entenda, para ele aceitar. E, pelo fato de não ter, existe a questão do machismo, de achar que a mulher... Mas aí cabe a cada um se pôr.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

“As mulheres dão muito... Como a gente cuida das coisas mais importantes da vida, que são o filho, a família, a saúde de todos – a mulher está envolvida com a saúde de todos –, então, ela não quer se ocupar. Ela já é muito ocupada e não quer se ocupar com mais a política. Esse é um grande fator, sabe?” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Então, eu às vezes sou tentada a pensar nisso, mas eu creio que neste momento eu ainda não... Quem sabe, no futuro? A gente nunca deve dizer "nunca", não é? É uma palavra muito forte, não é, dizer "nunca". Mas neste momento eu não consegui ainda, como se diz, germinar a semente nesse aspecto.[...] [preciso] me organizar em algumas questões familiares.” Mulher, casada, Formosa-GO

Política de Bastidores

Como vimos na seção sobre motivos para se candidatar ou não, muitas das entrevistadas não se veem como candidatas. E seja por não encontrar espaço na política como candidata, ou por não ter apoio da família para a candidatura, ou mesmo por não querer se candidatar, algumas entrevistadas têm ocupado espaços na “política de bastidores”. É um meio que pode, eventualmente, lançá-las às eleições futuramente.

“E, pelo fato também de elas acharem que não conseguem ter espaço na política ou de formular ideias, ficam, muitas vezes, iguais a mim, gostam de ficar mais na retaguarda do que na linha de frente.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

“Minha participação é na época de campanha, subo em palanque, faço discurso, tenho facilidade de falar em público. Me pedem esse tipo de ajuda. Depois vou na Câmara, dou sugestões.” Mulher, casada, Minaçu-GO

“Eu acho que sou aquela que fica mais na retaguarda. É aquele ditado: "Ao lado de um grande homem, há uma grande mulher". Eu sou aquela que fica do lado dizendo: "Fulano, não faz isso, não!". Então, eu me vejo mais nessa função, não me vejo na linha de frente ou, então, correndo e tudo.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

“Sou casada, meu esposo é político, e eu não participo em nada de política; gosto, mas só nos bastidores, não gosto de estar à frente. [...] E na política também, porque não tem como, não é? A gente está sempre ali, junto, correndo atrás, nos bastidores. Na linha de

frente – pode ser que eu mude a minha opinião; pode ser –, hoje, no momento, não.” Mulher, casada, Jaraguá-GO

“E aí eu imagino que eu quero somar com o meu Município, não sendo protagonista política, mas coadjuvante. A gente tem oportunidades. Então, a gente quer somar talvez nessa visão, se aproximando mais desse meio, conhecendo mais um pouco como funcionam as coisas. E, quem sabe, essa sementinha vai germinar e, na outra eleição, a gente entra aí como protagonista, e não como coadjuvante.” Mulher, casada, Formosa-GO

Atuação (a)política?

Talvez pela rejeição da política como atividade digna e para não contaminar suas reputações com “politicagem”, muitas das mulheres entrevistadas fazem questão de afirmar o caráter apolítico e apartidário das funções que desempenham em suas comunidades. E assim como algumas delas optam pela política de bastidores, há aquelas que optam pela não-política para evitar conflitos ou por não terem espaço na política formal. Outra vez, são valores e situações que têm evitado que mulheres, como as entrevistadas, se envolvam mais e concorram em eleições.

“Essa minha atuação não tem participação política, busco o anonimato. Quando chega as eleições, dou uma travada. Não quero misturar meu trabalho com politicagem, para que não perca a transparência do trabalho que a gente faz, sem a expectativa de se promover. Não quero que meu trabalho seja moeda de troca para a política.” Mulher, casada, Jaraguá-GO

“Eu pertença a uma família muito envolvida no Município, tanto na parte religiosa... Envolvida nos projetos da igreja, nas festas culturais da cidade. E é uma família muito política também, que acaba me envolvendo. Apesar de que procuro estar afastada – mas não tem jeito, realmente, de se afastar dessa situação –, não me envolvo. Nunca me candidatei. Há muitos anos eu trabalho e preservo o meu trabalho não me envolvendo politicamente, mas sempre há um parente, sempre há alguém lá concorrendo em alguma situação. [...] O meu envolvimento, como eu já adiantei a vocês, é participar de um projeto esporádico aqui ou ali” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Bom, eu nasci aqui e sempre quis fazer pelo social, contribuir para melhorar a cidade. Mas, como eu lhe falei, para contribuir... As pessoas têm medo de você contribuir e, na verdade, você querer ser alguma coisa lá na frente, você querer ser um Vereador, querer ser um Prefeito... Então, essas contribuições da gente são muito limitadas. [...] a e não sobra tempo, mas a minha volta de contribuição se deu na associação. Eu tentei trazer muita coisa para a associação, porque o empresariado unido consegue transformar uma região sem, necessariamente, a utilização da política” Mulher, casada, Luziânia-GO

Somente três entrevistadas se identificaram espontaneamente como atores políticos de fato - ou porque ocuparam cargos na gestão municipal ou porque reconhecem que toda atividade social tem um fundo político potencial.

“Por cinco meses eu fui [secretária municipal]. Foi assim, linha de frente, vamos assim dizer, foi a primeira e única vez. Daí eu fui me identificar mais no sentido de estudo e trabalho. Aí eu acabei não voltando para essa questão. Mas foi boa a experiência.” Mulher, casada, Formosa-GO

“Isso. No caso, fiquei durante esta gestão. Tenho dois anos como chefe de gabinete. E aí eu fui convidada pelo Prefeito para cuidar da pasta. Já faz um ano que estou na pasta. Então, esse é o primeiro cargo como gestora de uma pasta.” Mulher, viúva, Cidade Ocidental-GO

“Estamos fazendo [política] o tempo todo, e não é partidarismo. Cada um fazendo o seu papel, entendendo seu papel, sem bandeiras, nessa troca constante.” Mulher, divorciada, Luziânia-GO

Parentes na política

A menção explícita de parentes na política, por parte de algumas entrevistadas revela, por um lado, a dinâmica própria da reprodução do poder político dentro das mesmas estruturas familiares. Revela ainda o patriarcalismo, segundo o qual a participação da mulher na política se dá mediante a atuação prévia de outros homens da família – em especial quando estes são esposos. Mas é digna de nota, também, a importância que a família tem para a socialização política das mulheres. Muitas adquirem com a experiência vivida dentro de casa a expertise para elas próprias caminharem depois, em carreiras próprias, nos meios políticos.

“Sou casada, meu esposo é político, e eu não participo em nada de política; gosto, mas só nos bastidores, não gosto de estar à frente.” Mulher, casada, Planaltina-GO

“O meu esposo tem pretensão de sair candidato a Prefeito neste ano. Não sei se vai dar certo, ainda é só... Ainda não está certa também a pré-candidatura dele.” Mulher, casada, Planaltina-GO

“Mas ele [meu tio] foi político, ele já esteve como vice-Prefeito, Vereador... A minha família é muito política” Gabriela Sousa

“O meu esposo foi Vereador, e eu vivenciei isso dentro da minha casa. No processo eleitoral, eu caminhei, na medida do possível, porque eu trabalhava. E, na minha família, não havia ninguém com vínculo político. Aos poucos, a gente vai vivenciando isso dentro de casa – ele foi Vereador por quatro anos – e vê o que é. Assim, eu passei a ter aptidão também para a política, a conhecer a necessidade do outro, entender um pouquinho o que é a política. Inclusive, hoje, eu sou pré-candidata a Vereadora aqui no Município de Rubiataba.” Mulher, casada, Rubiataba-GO

“O que temos visto é que as mulheres que entraram foram por brechas, “para esse momento, a candidata é mais favorável, mas os votos já estavam meio que direcionados a determinado grupo”. [...] Fora isso, é porque pai, esposo, está em situação de inexigibilidade, e a esposa ou filha foram assumindo no lugar. Que eu conheço, 90% foi transferência de votos de um candidato que

naquele momento não pôde se candidatar.” Mulher, casada, Jaraguá-GO – Jaraguá

Próximas eleições e futuro

O futuro e as próximas eleições têm um horizonte claramente marcado pela situação da pandemia que vivemos. Embora o futuro mais distante, de 2 a 5 anos, seja esperado com otimismo, o curto prazo é timbrado por expectativas de mera sobrevivência, de pouca mudança, de piora na economia e de desejo que a população mundial consiga vencer a Covid.

As eleições chegam com alguma possibilidade de mudança no cenário político municipal. A própria pandemia deve alterar o formato e as ferramentas de campanha eleitoral por limitar o contato entre candidatos e eleitores. Isso deve abrir oportunidades para novatos – incluindo as mulheres, que na política tradicional e no corpo a corpo não têm mesmo espaço e oportunidades que os homens. As mídias sociais ganham relevância, tanto pelo papel que se espera que ocupem na campanha eleitoral quanto pelas possibilidades de atuação que abrem para as mulheres e para as novas lideranças políticas.

“Agora com essa campanha de mídia, tenho encorajado muitas mulheres. Porque nessa campanha vai ganhar a estratégia, a oratória, o potencial, nas mídias sociais. Acho que a gente vai ter uma mudança, porque nem o recurso da política nas ruas, boteco, que as mulheres não gostam tanto, vai ser diferente. A situação corpo a corpo ainda favorece muito o homem. Nessa situação a mulher ainda está em desvantagem. Até porque no interior ainda há muito machismo.” Mulher, casada, Jaraguá-GO

“um certo controle social, e as pessoas tiverem que fazer uma campanha através das mídias, isso vai trazer muita oportunidade para outras pessoas que não fazem parte da política atual. Eu acredito muito na troca, na troca de visão, na troca de idades, na troca de mentalidade.” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Sou pré-candidata. É trabalhar respeitando o momento, de maneira bem adaptável mesmo. Durante esses meses até o final do ano, a expectativa é de que as coisas melhorem e de trabalharmos do jeito que der para trabalhar, do jeito mais tranquilo, de forma a não prejudicar o outro. Por exemplo: se eu vou fazer uma visita... Particularmente, eu acho uma falta de respeito, no momento que estamos vivendo, eu ir a casa de uma pessoa idosa pedir voto. Então, hoje, com uma ligação ou pelo WhatsApp, por meio do qual temos um acesso grande às pessoas, podemos fazer um pedido, uma comunicação que seja mais indireta, no caso, não tendo proximidade, respeitando o direito do outro e o meu também, porque, da mesma forma como as pessoas correm risco, eu também corro de trazer o vírus para dentro da minha casa. São os cuidados que a gente tem que ter mesmo.” Mulher, casada, Rubiataba-GO

“Então, eu penso que a gente vai vencer essa questão da pandemia, que é uma coisa que preocupa a gente, que tem limitado a gente em todos os aspectos, no trabalho; em todos os aspectos, a pandemia colocou limites.” Mulher, casada, Formosa-GO

“Esse ano acredito que não teve avanço. A pandemia atrapalhou os trabalhos, os avanços. Está todo mundo no mesmo barco, remando com a mesma força, está difícil para todo mundo (igual para homens e mulheres).” Mulher, casada, Goianésia-GO

“Olha, eu sou bem otimista. Eu vejo que, como eu lhe falei, trabalhamos a questão em números, mas eu penso que a gente vai ter uma cidade melhor, uma qualidade de vida melhor, sim, daqui a uns cinco anos.” Mulher, casada, Planaltina-GO

“Até o final do ano é difícil de imaginar com toda enfermidade que a gente está vivendo. Eu tenho adotado o lema de que 2020 é sobrevivência. Não vai haver muita mudança, não. Não há muito crescimento, não. Mas, por exemplo, a gente tem vivido agora que o cenário político pode mudar, não é? Nas eleições do final do ano, as eleições municipais que acontecerão. O que a gente espera mesmo é mudança social, um governo que esteja mais atento à necessidade da população, ao crescimento da cidade, a trazer empregos para a cidade aqui, para que ela possa se desenvolver. [...] Mas a gente também fica um pouco aquém por causa da realidade, porque a gente sabe que não vão mudar muitas coisas este ano ainda por causa de tudo que a gente tem vivido. [...] A crise que a gente já está começando a viver hoje e que, querendo ou não, não termina quando terminar a pandemia, ela vai continuar. Então, é um processo de uma nova reestruturação econômica [...] Daqui a dois anos, o que a gente espera é desenvolvimento – é isso que eu espero – em todos os âmbitos da nossa sociedade mesmo: desenvolvimento de pessoas...” Mulher, casada, Luziânia-GO

“Então, eu penso que a gente vai vencer essa questão da pandemia, que é uma coisa que preocupa a gente, que tem limitado a gente em todos os aspectos, no trabalho; em todos os aspectos, a pandemia colocou limites.” Mulher, casada, Formosa-GO

“[daqui a dois ou cinco anos] Com muitas oportunidades de emprego, todo mundo empregado, a gente, financeiramente, melhor, e que as pessoas não tivessem a dificuldade financeira que têm hoje, porque a gente fica triste pela quantidade de pessoas que passam por dificuldades no nosso Município. Uma fábrica, uma indústria de grande porte poderia acomodar, trazer as pessoas para trabalhar, atendendo à demanda do nosso Município.” Mulher, casada, Rubiataba-GO

“Acredito em mudança política. Todo o Brasil está passando por estrutura de reformulação, coisas melhores vindo, se há inconformidade.” Mulher, divorciada, Luziânia-GO

“[daqui a dois anos] espero que minha cidade tenha avançado, que o próximo Prefeito tenha visão de futuro maior, que pense mais além do que no presente.” Mulher, casada, Goianésia-GO

Conclusões

Iniciamos a pesquisa com o depoimento de 11 mulheres, líderes regionais do estado de Goiás, e uma grande indagação: quais questões são consideradas por essas mulheres para decidir participar ou não da política formalmente, em eleições? A estratégia para obter respostas foi analisar os depoimentos, em forma textual, e verificar no discurso delas a existência de fatores estimulantes ou refratários à sua atividade política.

De forma geral, constatamos haver uma percepção compartilhada de que a presença da mulher na política não só é valorizada por nossas entrevistadas, mas também de que tem avançado nos últimos anos. Outras mulheres que concorrem em eleições e chegam a ocupar cargos eletivos são lembradas como exemplos a serem seguidos, como casos de sucesso, e tendem a ser vistas como abre alas para que outras sigam seus passos.

A vitória eleitoral, contudo, nem sempre é vista como um fator estimulante por si só à atuação política de mais mulheres. Em algumas ocasiões, nas entrevistas, foram mencionadas mulheres que, tendo sido eleitas, foram “apagadas”, “abafadas pelo sistema”, cansaram-se de ser constantemente “voto vencido” e sem voz, apesar de lutarem, brigarem e falarem alto. A impressão passada em algumas falas é a de que, mesmo eleita, a mulher, para ser ouvida, precisa fazer um esforço dobrado e ainda assim não tem garantia de eficácia, de que fará alguma diferença. E essa decepção com a política também contagia outras, tornando-se fator desestimulante.

O machismo no sistema político e na sociedade, portanto, persiste como força impeditiva para a participação e para a representação política feminina – embora nem sempre seja denominado explicitamente de machismo. Fato é que suas diversas manifestações aparecem em reiterados momentos na fala de nossas entrevistadas, sempre corroborando para o desinteresse político.

No sistema político, além de experiências negativas em cargos eletivos, o machismo é lembrado no recrutamento de candidatas para concorrer às eleições. Aponta-se que são convidadas mulheres sem experiência ou atuação social marcante, mulheres sem condições reais nem apoio para concorrer, mulheres simplesmente para preencher cotas em listas partidárias.

Na sociedade, o machismo se manifesta com a reprodução de imperativos que definem papéis sociais de homens e mulheres, e perpetuam-se rótulos depreciativos das capacidades femininas. Ainda

pesa sobre a mulher a responsabilidade de cuidar da casa, da família e dos filhos – e isso fica bem evidente em várias entrevistas. Além disso, a imagem de sexo frágil, de incapacidade e inconstância de opiniões ainda é recuperada conforme a conveniência de quem acusa.

A despeito disso, as mulheres têm conseguido ocupar espaço no mercado de trabalho e, pela fala de nossas entrevistadas, não há indícios de que sintam resistências quanto ao fato de serem mulheres e seguirem suas carreiras. Ao contrário, há manifestações de satisfação e prosperidade nesse aspecto. Isso já não é tão válido quando se trata de ocupar cargos de direção: há evidências de que barreiras conservadoras as impedem de atuar de forma eficaz, produzindo bons resultados.

Ou seja, no contexto das/ entrevistadas, a mulher está assumindo com sucesso sua profissão, sua carreira, agregando responsabilidades fora do lar sem que haja quase nenhuma menção ao compartilhamento de responsabilidades dentro de casa, entre cônjuges, para o cuidado com a casa e com os filhos. É mais um fator a desestimular a inserção política da mulher, que sobrecarregada com emprego e família, se vê sem tempo e energia para pensar em mais uma atividade.

Na família, conforme se constatou, ainda há mais manifestações do machismo a impedir que a mulher se lance à política: como ela é responsável pelos filhos, eles dependem dela, ela não quer se ausentar ou o esposo não quer que ela se ausente para cuidar de assuntos da comunidade ou da política. Além desse fator, a prosperidade da mulher ainda é motivo de incômodo para os cônjuges e, portanto, destacar-se com a atividade política pode se tornar origem de conflitos familiares.

Também pesa sobre nossas entrevistadas, para não querer concorrer em eleições, a imagem negativa que a atividade política tem. Para muitas, seria uma mancha na reputação e no histórico de atuação – desinteressado e apartidário.

Como soluções (ou talvez válvula de escape) para tantos fatores refratários à participação e à representação política da mulher, as entrevistadas apontam, por exemplo, exercer a política nos bastidores e contribuir com suas comunidades em vias não-políticas – há menções a associações e empresariado. Essa atuação “apolítica” pode lhes garantir algum capital para, eventualmente, concorrer a cargos eletivos no futuro.

Cabe destacar aqui o papel das cotas no aumento das oportunidades para as mulheres. Há, no entanto, menção ao fato de que as cotas sejam “oportunidades teóricas” e de que os partidos não busquem efetivamente candidaturas competitivas de mulheres. Mas há também o reconhecimento de que as cotas têm aberto, para as mulheres, espaços que não existiriam de outra forma, espontaneamente.

Conclui-se, portanto, que abundam os fatores que desestimulam o envolvimento maior com a política por mulheres com o perfil e no contexto estudado. O resultado dessa conjunção de fatores é que a grande maioria das entrevistadas não pensa em se candidatar. Poucas manifestam o interesse no presente, algumas o condicionam a um futuro ainda abstrato e outras afirmam que o interesse que tinham já se foi.

Para mudar o quadro delineado por esses resultados, parecem urgir mais medidas afirmativas, já que a cultura política e o próprio sistema evidenciam evoluir lentamente no contexto estudado.

Realização

Instituto de Pesquisa DataSenado

Elga Mara Teixeira Lopes - Diretora

Equipe Técnica

Isabella Cristine F. Vieira

Juliana dos Santos Costa

Jazon Torres de Sousa

Laura Efigênia F. E. de Sousa

Luiza Maria V. de Sant'Anna

Thiago Cortez Costa

Estatístico

Marcos Ruben de Oliveira

Estagiários

Luana Pereira R. da Silva

Richard Wallan P. de Sousa

Rodrigo Dantas Berçott

Apoio Tecnológico

Gabriele Lima Gomes

Hugo Bartolomeu Ferreira

Luíza Maria Veiga de Sant'Anna

Pedro Leonardo C. M. Barbosa